

Pastoral de colégio

J. B. Libanio S.J.

A presente reflexão trata de pastoral no sentido mais amplo do termo. Busca-se situá-la no contexto maior de Igreja. A pastoral estritamente de colégio supõe um conhecimento do contexto de escola que me escapa. Nesse ponto, vocês que trabalham em colégio são autoridade. Posso ajudá-los traçando-lhes um quadro mais amplo da pastoral na Igreja, dentro do qual vocês podem muito bem situar a pastoral concreta do Colégio.

Nesta palestra, entende-se por pastoral uma ação de Igreja que incida sobre a realidade social. Portanto levam-se em consideração três elementos: ação, realidade social e Igreja. Portanto uma ação que não afetasse diretamente o campo social, como, p.ex., uma hora de meditação do educador no seu quarto, não seria considerada ação pastoral, ainda que seja algo muito importante. Também uma ação que não se fizesse enquanto Igreja, portanto sem grau de representatividade eclesial, não seria pastoral. Faz-se mister que haja um nível de publicidade, de reconhecimento social de que o sujeito que faz tal ação seja Igreja. Assim o ato de solidariedade organizado por iniciativa própria de um grupo de jovens cristãos a seus colegas presos não seria pastoral. Mas, se este mesmo ato fosse organizado por um grupo reconhecido como pertencente a um movimento de Igreja seria um ato pastoral.

Para facilitar nossa reflexão, vamos trabalhar com modelos. Elaborar-se-ão três modelos de pastoral com finalidade antes analítico-descritiva que diretamente crítico-valorativa. Dentro dos três modelos é possível fazer pastoral. Mas nem todos permitem o mesmo tipo de pastoral. Nesse caso, entram em questão as opções prévias. E cada colégio fará portanto aquela que corresponda mais a seu ideário.

Vou deixar de fora o modelo estritamente tradicional por julgar que não entra em jogo no momento atual da vida de nossos colégios.

* Palestra feita no Encontro de reitores e diretores de colégios jesuítas do Brasil, em Belo Horizonte, 29 de outubro de 1988.

I. Modelo humanista secularista

Parece ser o dominante em nossos colégios. Esse modelo de pastoral implica uma leitura do processo da sociedade e uma interpretação teológica do mesmo. A sociedade moderna é interpretada dentro de um processo de secularização. Esse consiste fundamentalmente na perda da relevância das representações sagradas. As instituições já não se organizam no seu mundo econômico, político e cultural tendo como ponto de referência o sagrado, a dimensão religiosa. A religião não perdeu de si sua importância, seu espaço. Modificou o seu lugar. Antes ela ocupava um lugar normativo na sociedade. Indicava e marcava os comportamentos das pessoas de maneira visível e social. Agora refluíu para o mundo da intimidade das pessoas.

Entrou em declínio, não a religião como tal, mas seu papel social, sua força normativa. É possível que os alunos não frequentem missa aos domingos, nem saibam quem é o bispo da diocese nem se preocupem com o que ele diz, mas gostem dos encontros de oração, procurem o padre espiritual para um papo religioso, ou vão mesmo fazer algum dia de retiro nalguma casa religiosa. Mas se se lhes pergunta sobre as verdades normativas para sua fé, as prescrições da Igreja para sua conduta moral, não saberiam responder nem mostram muito interesse nisso.

Em outros termos, a Igreja não é mais aquele sagrado primordial que se apresenta como ponto de referência para a fé, para as práticas religiosas e para o procedimento moral. Com efeito, a alteridade religiosa, em vez de estar fora, vai para dentro da pessoa. Perde essa força de alteridade, de diferença e confunde-se com o mundo da subjetividade do aluno. Ele encontra interiorizado em si, na sua experiência ou na outra pessoa, o outro religioso e não o recebe de uma instituição nem se refere a ela como instância normativa.

A sociedade moderna não é, pois, o fim da religião, mas do papel social da religião. Ora, na pastoral estamos trabalhando fundamentalmente com o papel social da religião, com a Igreja, enquanto instituição, enquanto reconhecida como tal. No início, tínhamos definido nessa direção a significação de pastoral. Nesse sentido, essa face da modernidade dificulta enormemente uma verdadeira pastoral institucional.

Nesse contexto, uma pastoral que se encaminhar na valorização do religioso que a pessoa encontra em si ou na relação interpessoal tem chances de sucesso. Por isso, vicejaram os encontros de jovens. Eles falavam à dimensão religiosa interior do jovem, mas pouco lhes diziam sobre o religioso institucional. Frequentavam somente aqueles atos, sacramentos que lhes satisfaziam tal presença religiosa interiorizada. Muita celebração eucarística festiva de jovens e pouca frequência à missa paroquial ou ao sacramento da penitência, pouca adequação aos ensinamentos morais tradicionais.

Nesse modelo humanista-secularista, a educação escapa, em certo sentido, da religião. E a religião sente certo mal-estar dentro de estruturas escolares.

A primeira tendência apareceu clara no tempo da constituinte, em que se discutiam os temas sobre educação. Mostrou-se bem forte a linha de que a educação fosse entregue ao estado e saísse das mãos das confissões religiosas. Elas devem monitorar somente o campo íntimo das pessoas e não ser ponto de referência para uma instituição pública como a educação. A educação tende a ser cada vez mais negócio e competência do estado e não da religião. É o fenômeno de estatização da educação cada vez mais forte nos países avançados, mesmo capitalistas. As escolas particulares continuam para pequenas elites altamente sofisticadas, como acontece na Inglaterra e em outros países desenvolvidos.

Recentemente estive no Brasil o economista liberal francês Guy Norman. Numa de suas declarações, dizia que o Estado brasileiro assume perversamente suas tarefas. Em vez de fazer o que deve, isto é, cuidar das necessidades básicas do povo - saúde, educação, habitação, transporte, etc. -, interfere na economia protegendo as classes ricas. O Estado brasileiro é o grande defensor dos ricos e se deteriora cada vez mais no cumprimento de suas tarefas sociais. A saída da crise brasileira é inverter tal função. Isso foi dito por um economista liberal. Nesse caso, a educação iria para o âmbito estatal, como obrigação fundamental do Estado. O colégio não seria mais institucionalmente religioso, mas um espaço neutro. A religião se restringiria ao campo da intimidade das pessoas.

Também a outra tendência é verdadeira. A religião sente-se mal dentro de instituições. Nesse modelo ela prefere o espaço informal, livre, espontâneo dos encontros e menos a rigidez da sala de aula. Por isso se falou durante um tempo da "aula ambiental" de religião. No fundo é tirar a religião da instituição escolar e levá-la para outros espaços da liberdade, espontaneidade, gratuidade.

Ao sair da instituição, a religião com seus valores sofre terrível relativização. O ponto de referência sendo o religioso interiorizado nas pessoas, ele dependerá portanto dessas pessoas. Essas julgam os valores conforme seu universo pessoal e experiencial. Ora, o colégio quer ser uma instituição onde os valores deveriam ser transmitidos de modo objetivo e normativo.

Th. Luckmann traduz tal fenômeno de secularização com uma comparação sugestiva. O mundo moderno religioso é como um grande supermercado em que cada religião tem sua tenda, onde oferece, do modo mais atraente possível, sua mercadoria. E os fiéis, como fregueses, retiram de cada religião aqueles elementos que lhes agradam e assim fazem sua cesta religiosa eclética. Ninguém num supermercado se atém unicamente às marcas de uma única firma ou fábrica, mas combina mercadorias de diversas origens, desde que respondam a seu desejo e gosto. Esse é o critério. E não o nome da fábrica. Do mesmo modo, o universo religioso do homem do futuro pode misturar a meditação transcendental dos orientais, a leitura bíblica dos luteranos, a eucaristia dos católicos, os ritos das religiões afro-brasileiras etc. e constituir a sua religião própria, personalizada. Isso é possível, porque o critério de seleção já não é a instituição, mas as necessidades, desejos e gostos do indivíduo.

O jovem de nossos colégios pertence muito a esse modelo humanista-secularista individualista. Estamos dentro de um grande processo cultural ocidental de valorização do indivíduo, que encontra suas origens no pensamento grego mas que assumiu com a modernidade sua forma exacerbada. Pesquisa feita entre os países ricos da Europa e publicada sob a orientação e com comentários de J. Stoetzel sob o nome de *Les valeurs du temps présent: une enquête*. (PUF, Paris 1983) revela-nos uma Europa que se diz feliz e que coloca sua felicidade na "própria pessoa" através da satisfação das necessidades, sobretudo afetivas de casal. Não se trata da pessoa, que o Papa freqüentemente propõe como grande valor, mas da pessoa pensada como indivíduo que é feliz satisfazendo-se com um/a companheiro/a. Este modelo das sociedades ricas expande-se também em nosso mundo.

Que fazer pastoralmente dentro desse modelo?

Antes de tudo cabe dar um mergulho teológico nesse fenômeno de secularização. Assim descrito tal modelo parece não oferecer nenhuma possibilidade pastoral. K. Rahner pode ajudar-nos com sua categoria de "cristão anônimo". Ele procura, usando o método transcendental, descobrir no ser humano uma abertura fundamental que subjaz a essa busca sôfrega de felicidade, do sagrado. Há, sem dúvida, nesses desejos uma busca de algo/alguém maior do que as pequenas experiências religiosas que se fazem. Este não é fruto da subjetividade, mas se impõe a ela e traz conseqüências concretas e práticas para a vida. Uma vez que já se consegue contato com a realidade do Transcendente na experiência subjetiva do aluno, dá-se passo à frente, mostrando como a Transcendência se fez história em Jesus Cristo e partir daí vai-se caminhando até a Igreja. Longo percurso, mas parece ser o viável dentro desse modelo e horizonte humanista-secularista.

Este movimento de busca da própria felicidade deve ser, portanto, a chave de entrada pastoral no aluno situado nesse universo de valores. Nele se pode mostrar a presença dessa Alteridade maior que é o outro nome da Transcendência e a partir dela chegar até um mundo objetivo normativo de valores. Por ela se pode romper o gelo do individualismo. A reflexão teológica trabalha muito hoje a problemática da criação de tudo e de todos em Cristo. Nesse horizonte teológico, as realidades terrestres adquirem uma valência religiosa, salvífica. Todos os acontecimentos humanos fazem parte de uma grande história da salvação em que todos estamos envolvidos. Assim todo o processo de verdadeira humanização não está alheio à nossa salvação e cai, portanto, sob o ângulo da pastoral. Todo humanismo é uma cristologia incoativa. Toda cristologia leva à plenitude da clareza e da realização as nossas humanizações. Esta relação possibilita uma pastoral nesse contexto.

Nessa pastoral, o esforço maior será sempre de descobrir a dimensão transcendente e salvífica das realidades humanas e a partir delas mostrar como Deus interpela e salva as pessoas, esses jovens que estão nos nossos colégios.

O nosso olhar deve ficar atento para perceber nas realidades de nossos jovens essa presença do mistério pascal: morte e ressurreição. Nos seus sofrimentos participam do sofrimento de Jesus, nas suas alegrias e vida, da ressurreição. Sua estrutura de existir não está alheia ao mistério de Cristo. Assim em tudo que fazem e vivem, desde o cotidiano mais anódino até as ações mais importantes, há sinais reais da presença de Deus. L. Boff fala das estruturas crísticas da realidade. Desvelá-las, desvendá-las seria este tipo de pastoral.

Ele pode ser praticado através de várias mediações bem concretas em nossos colégios. Chamaria atenção para uma muito apreciada pela tradição jesuítica: a excelência acadêmica. Nossos colégios sempre prezaram muito exibir extraordinária excelência acadêmica em vista da preparação profissional. Temos ex-alunos que desempenham qualificado trabalho profissional. Basta lembrar que o Plano Cruzado — sonho de alguns meses — foi pensado por dois professores de nossa PUC-Rio. Em El Salvador, a UCA tem preparado exímios profissionais para pensar a transformação do país.

A pastoral consistirá nesse caso em orientar tal excelência em vista da criação de um modelo social e de relações entre as pessoas que correspondam a nossos ideais de justiça, igualdade, fraternidade. Uma excelência que supere o egoísmo e interesse curto e imediato dos alunos para projetá-los para um bem comum, um ideal social. Com excelência profissional os colégios poderão desenvolver uma pastoral humanista, redimindo a sociedade de seus pecados estruturais. Com a física ou matemática, não posso perdoar um pecado mortal, mas posso redimir uma estrutura econômica, fonte de tantos pecados. Os bens da criação — física, química, etc. — pertencem à ordem salvífica ao se tornarem meios para construir uma sociedade justa. Esta articulação é o desafio da pastoral nesse modelo.

II. Modelo neo-religioso

Está surgindo com muita força. Não se trata de nenhum modelo tradicional, praticado antigamente nos nossos colégios, mas moderno. Seu objetivo consiste em mostrar que a religião pode tornar-se uma crítica pós-moderna à modernidade. Em vez de a modernidade negar a religião — Feuerbach, Nietzsche, Marx, Freud —, é a religião que assume uma posição crítica frente ao mundo moderno, filho cultural desses mestres da suspeita.

A modernidade cria que a razão chegando a seu pleno desenvolvimento iria dissolver os últimos resquícios da religião. No início do século passado, o positivismo julgara que ele iniciava a era da superação definitiva da época primitiva da religião e da metafísica. A religião hoje surge como instância crítica dessa pretensão exagerada da razão, mostrando as conseqüências negativas para a humanidade do império da razão, sobretudo sob sua forma empírico-tecnológica.

Ontem, estive num consultório de uma psicóloga com um grupo de profissionais liberais, de professores de universidade, inclusive um professor de doutorado em física eletrônica de uma universidade francesa, simplesmente para uma hora de meditação inaciana. Não é uma religiosidade tradicional. Mas uma religiosidade que critica a pretensão da modernidade de abolir o religioso. Tal modelo se impõe precisamente nos países mais desenvolvidos e atingidos pela modernidade. Entre nós afeta mais as elites. Na Europa chamam a muitos desses grupos que se reúnem por razões afetivo-religiosas de "comunidade de base", bem diferentes de nossas CEBs.

Este modelo está dentro do horizonte humanista secularista, só que se atém mais à dimensão religiosa, enquanto o outro à dimensão humana propriamente dita. Nesse sentido ele continua preso ao individualismo do modelo anterior. Não o rompe. O religioso nesse modelo exerce também uma função compensatória em relação a uma sociedade marcada pelas relações formalizadas, por certa frialdade humana.

Creio que a espiritualidade inaciana pode trazer uma sadia contribuição para uma pastoral nesse modelo. Inácio procura introduzir o exercitante durante os Exercícios Espirituais na contemplação dos mistérios da vida de Jesus. A contemplação ocupa em sua pedagogia espiritual importante papel. Ele convida o exercitante a ver as pessoas, a ouvir o que dizem, a olhar o que fazem. Este gesto tão simples é altamente educativo para que se possa sair de sua subjetividade e deixar-se questionar pela objetividade do mistério. É a objetividade do mistério que me julga. Tal julgamento pode modificar-me, converter-me, arrancar-me de meu mundo fechado. O primeiro passo é um defrontar-me com a realidade de Jesus que está-aí-diante e só num segundo momento, volto-me sobre mim mesmo, para perceber o que ela provoca. O importante é perceber o que Deus quer de mim e não o que eu quero de Deus. Inácio temia muito o nosso desejo de querer trazer Deus ao que queremos em vez de fazermos o que Deus nos manifesta através das moções.

Estes movimentos neo-religiosos, neo-espirituais invertem o método inaciano. Colocam no primeiro plano o que se sente, para depois, de dentro desse sentimento voltar-se a Deus. O risco do auto-engano é enorme. A própria satisfação religiosa é o elemento predominante e central. Por isso atrai tanto. E pode-se viver nesses movimentos muito tempo e não acontecer nenhuma verdadeira conversão. Quem se sente feliz e satisfeito, dificilmente pensa em transformar a realidade. Por isso, com essa experiência religiosa não questionam sua vida pessoal, familiar, profissional, sexual, política. Falta o confronto com os mistérios da vida de Jesus.

Se embarcamos nesses movimentos em nossos colégios, não vamos educar ninguém para tornar-se um agente de transformação da realidade. Mas sim produziremos pessoas conformadas com ela. Gustavo Gutiérrez, falando com ironia desses movimentos que invocam para sua legitimação a ação do Espírito

Santo, pergunta-se porque não ocorre ao Espírito Santo sugerir algum compromisso social.

Nesse modelo neo-religioso pode-se encontrar elementos de abertura para uma ação pastoral. Um primeiro aspecto é valorizar a dimensão de crítica pós-moderna à auto-suficiência da razão. Mais. Tal crítica pode estender-se também à própria subjetividade, sobretudo no seu aspecto emocional. Pois critica-se a razão, porque esta se arvora em auto-suficiente, em orgulhosa, em poder absoluto. Ora, a subjetividade também se arvora freqüentemente em realidade absoluta, fechando-se em si. A realidade religiosa pode então voltar-se contra a subjetividade, e forçá-la a abrir-se ao Transcendente presente nela. Início de qualquer conversão. Se sairmos com a preocupação pastoral de quebrar o gelo do individualismo em direção a uma perspectiva social, já teríamos dado passo importante pastoral no interior desse modelo. Esta luta contra o individualismo, o egocentrismo, a egolatria, a centração no eu, deveria ser de manhã à noite. A modernidade coloca o eu no centro em todos pontos: trabalho, vida afetiva, profissão, matrimônio, religião.

A psicologia reforça tal centralização no eu. Trabalha sobretudo a dimensão de prazer da vida, procurando superar todas as fontes de sofrimento, angústia. E mesmo quando se age grupalmente como no caso de greves, se analisarmos bem de perto vemos que são os interesses dos indivíduos que comandam e não uma dimensão propriamente social. Pois muitas greves se fazem com grande detrimento social, especialmente para as classes pobres, mais indefesas diante de certas paralisações. Basta ver a greve do INPS, dos seus médicos. Quem sofreu foram os pobres que não têm condição de recorrer a médicos particulares. Os médicos, por sua vez, estavam interessados unicamente no aumento de seu salário e pouco lhes importavam os incômodos e sofrimentos que produziam. Portanto se trata também de uma visão individualista dos próprios interesses independentemente dos interesses dos outros.

Esse modelo tem um pressuposto pastoral importante, que talvez não apareça logo. Ele aceita que a instituição seja secular, leiga, e as pessoas religiosas. Significa uma ruptura entre a instituição e a pessoa. A instituição não tem conversão. Essa é reservada às pessoas. Por isso, numa instituição que pode ser opressora, conivente com as classes dominantes, busca-se simplesmente, não transformá-la, mas cuidar da dimensão religiosa de seus membros. Assim a estrutura do colégio pode ser não-evangélica. Mas procura-se trabalhar evangelicamente os alunos. Aceita-se tacitamente essa dicotomia e a impossibilidade da conversão da estrutura. Numa palavra, renuncia-se a transformá-la.

Interessante observar como as posições extremas se encontram. Os conservadores defensores de escolas católicas e os críticos a elas coincidem em dizer que ela, enquanto estrutura, não tem conversão possível e que o trabalho pastoral só se faz a nível individual com os alunos. A instituição colégio como tal não é mediação de evangelização mas unicamente espaço físico onde as pessoas podem ser evangelizadas individualmente ou em pequenos grupos.

Assim, em vez de investir energias em transformar a instituição colégio, a pastoral nesse modelo dedicaria suas forças ao trabalho com os alunos, tentando atingi-los pela via pessoal ou grupal.

III. Modelo libertador

O ponto de partida é a constatação tantas vezes repetidas de que as instituições educativas visam à reprodução do sistema (P. Bourdieu). Reprodução se entende num duplo sentido: de criar os quadros que garantam a continuidade do sistema e de copiar em miniatura as relações sociais que vigoram no grande sistema. Assim a escola prepara os futuros funcionários, engenheiros, técnicos, políticos, etc. que perpetuarão o sistema e já inicia os alunos naqueles valores, tipo de relações sociais que constituem o sistema vigente.

O sistema espera da escola que ela lhe forneça o pessoal para sua continuidade e ensaie já os alunos para vivê-lo. A escola é o sistema dominante em miniatura. É como uma reprodução de uma grande fotografia em pequenas fotografias. São iguais. Diferem somente no tamanho. Assim como, por exemplo, no grande sistema as pessoas se distinguem pelo seu poder, pelo status, assim também na escola o diretor, os professores, os empregados se diferenciam até mesmo pelo tamanho da mesa ou da sala de trabalho. As mesmas relações entre patrão e operário, entre chefe e subordinados do sistema tem sua reprodução na relação entre diretor e professores, professores e alunos, etc.

Esta tese amplamente trabalhada por P. Bourdieu tem certo grau de verdade. Mas não é toda a verdade. A educação também foi e é fonte de transformação. Do contrário ainda estaríamos trepados nas árvores... Cada geração introduz suas novidades e vai modificando o sistema. O nível de novidade e mudança dependerá do caráter criativo e inovador da educação. Ela pode ser mais ou menos reprodutiva, como mais ou menos inovadora. Este espaço depende de decisões da comunidade educativa e das conjunturas sócio-históricas.

Mesmo que as práticas das escolas reproduzam valores do sistema, os alunos os assimilam de modo algo diferente do proposto. Esse processo de internalização que modifica as práticas destinadas a reproduzirem o sistema permite as inovações. Essas inovações não são necessariamente positivas. Analisamos simplesmente o fato. Sem juízo de valor.

Esta pastoral libertadora toma consciência do duplo fato. É inexorável um grau de reprodução do sistema. Mas também há espaços para que se introduzam inovações nesse processo. E a pastoral libertadora empenhará suas energias em descobrir tais espaços, ocupando-os, e em abrir outros. E certamente os pais dos alunos, cuja principal expectativa sobre o colégio é a pura reprodução do sistema se sentirão incomodados ou até mesmo retirarão seus filhos quando perceberem essa dimensão crítica da educação. A pastoral libertadora procura descobrir as brechas para nelas inserir sua crítica e ensaiar práticas alternativas. O tamanho das

brechas é conjuntural. Depende do momento histórico e/ou do lugar. Certamente no tempo do regime militar havia menos espaço que agora. Em cidades como São Paulo há mais campo crítico para a educação católica que em outras cidades.

Esse trabalho de criar novas práticas e ensaiar alternativas pode atingir quer o aspecto institucional, quer o dos valores. No primeiro, pode-se alcançar resultados com um trabalho de conscientização política no colégio. Para que dê resultado supõe-se que as famílias dos alunos aceitem tal trabalho. Por isso, requer-se uma melhor seleção das mesmas. Colocá-las de antemão frente a esta opção do colégio e pedir-lhes a sua aceitação como condição de entrada do aluno.

Conhecemos muito bem o clássico método ver-juizar-agir que permite um processo de conscientização. Trata-se de um ver analítico da nossa realidade social e eclesial. Tal ver oferece em seguida o material para juízos feitos à luz das opções fundamentais evangélicas que a Igreja da América Latina assumiu em Medellín-Puebla e que têm norteadado nossa Ordem, sobretudo a partir da Congregação Geral XXXII. E depois desse momento crítico, pode-se chegar a pensar práticas concretas para o âmbito em que vivem os alunos: família, escola, movimentos de jovens, etc.

Nesse processo de conscientização importa evitar uma leitura maniqueísta e dualista da realidade, que divide as pessoas e os grupos em dois blocos antagonicamente irreconciliáveis. Também dois outros extremos nos dificultam ver a realidade, quer um ufanismo sobre a realidade brasileira, quer um pessimismo irremediável. Nossa realidade tem problemas, sofre sérias crises, mas tem saída e pode ser transformada. Tem potencialidades. E a potencialidade já é uma realidade. O factual presente, ainda que seja muito negativo, não é a totalidade de nossa realidade. Nem a corrupção, nem o descrédito de nossas instituições políticas, nem a inflação ameaçadora são a última palavra sobre nossa realidade sócio-política. Pertence à consciência crítica pensar e descobrir as saídas e não simplesmente criticar negativamente a realidade.

Uma consciência só é verdadeiramente crítica quando ela chega até o momento de apresentar saídas. Para isso necessitamos aumentar nosso nível de informação. Aproveito a ocasião para informá-los sobre a seriedade e importância do trabalho de informação através de publicações periódicas que o IBASE (Diretor: Herbert de Souza, rua Vicente de Souza, 29; 22251 Rio - 021/286-0348) tem desenvolvido para corrigir a desinformação que sistematicamente certos órgãos de imprensa nutrem e reforçam. E os nossos alunos se alimentam nessas fontes deturpadoras e necessitaríamos de oferecer-lhes antídoto. Pertenceria a uma pastoral libertadora elevar a extensão e a qualidade do nível de informação de nossos alunos.

Outro caminho de informação seria propiciar aos alunos a oportunidade de fazer experiências significativas que lhes dessem um conhecimento experimental da realidade de pobreza, de injustiça em que vivemos. Então os números da informação lida assumiriam carne e causariam verdadeiro impacto. Talvez tal dupla fonte de informação valesse também para os professores e formadores que sofrem dessa mesma carência de conhecimento teórico e experimental da nossa situação social. Como um professor, que vive fechado no seu pequeno

mundo e para o qual a bíblia informativa são os jornais JB ou Estadão e a TV Globo, poderá desenvolver em seus alunos uma consciência crítica?

Além do ver analítico, incumbe a essa tarefa pastoral exercer um juízo à luz da fé. Essas realidades sobre as quais se é informado, devem ser lidas com o critério da Palavra de Deus, a fim de que se chegue a um juízo de fé e a uma opção também de fé.

Para concluir este ponto, permito-me lembrar-lhes um conselho que nos deu Paulo Singer numa palestra que fez para os agentes de pastoral da Arquidiocese de Vitória há vários anos. Uma consciência desenvolve-se criticamente através de pequenas práticas feitas com sucesso. As grandes práticas são atraentes mas jazem fora de nosso universo e terminam frustrando, porque impossíveis. Como modificar a política econômica de uma corporação transnacional? Nossa pequenez econômica não chega nem a arranhar a ponta do dedo do pé de uma dessas companhias. Mas uma pequena prática que afete uma comunidade, uma organização em que participamos é viável. Deve-se medir também de antemão a possibilidade de sucesso. Os fracassos costumam fazer regredir as consciências, desanimando as pessoas.

Somos pedagogos. O pedagogo é aquele que sabe medir as possibilidades e energias de seus alunos e propor-lhes somente o que estiver condizente com elas. Isso é importante levar em consideração nos estágios sociais que certos colégios organizam para e com seus alunos.

Uma última palavra sobre a pastoral dos colégios e a pastoral da juventude em geral. Antes de tudo gostaria de indicar, a meu ver, algumas tendências mais gerais no referente à pastoral da juventude.

A juventude tem mostrado uma mudança no referente à assimilação dos valores. Antes essa se fazia sobretudo pela via da tradição. Os valores transmitidos na família, na Igreja, na educação e garantidos por uma autoridade se impunham pela força mesma dessa tradição. Hoje eles são assimilados se correspondem ao universo de experiências do jovem. Por isso, importa numa pastoral da juventude aprofundar a real antropologia da juventude hoje. No fundo, responder a pergunta: que coisa consegue tocar, falar ao jovem de hoje? Parece que um dos canais privilegiados de acesso ao jovem hoje é a arte, e na arte, a música, especialmente na forma de grandes shows. Certos conjuntos musicais lotam os estádios de jovens que vibram ao som e ritmo de suas músicas e adoram estar-juntos. As Olimpíadas também foram uma experiência maravilhosa de encontro de jovens. Portanto a música, o esporte são as únicas realidades que estão fazendo a ponte para além das ideologias, das geografias, das crenças. Como trabalhar isso pastoralmente?

Outro problema difícil da PJ é sua tensão com a atual conjuntura da Igreja. A tendência dos jovens vai na linha de valorizar os espaços da criatividade, do pluralismo, do encontro espontâneo, da liberdade dos ritos, enquanto a atual tendência é de diminuir tais espaços. Além disso, outro dado importante para a PJ é perceber que as experiências dos jovens passam também pelas condições de classe em

que vivem. Ora, nossos alunos pertencem em geral à classe burguesa e são profundamente condicionados por essa pertença. Por isso, a PJ deve aprofundar a maneira de ver a religião de um jovem da classe burguesa para poder entender-lhe as reações religiosas.

O momento presente está sendo marcado por um conjunto de características que vem recebendo o nome de pós-modernidade. Percebem-se um desaparecimento dos entusiasmos, um desprestígio das ideologias, um ceticismo diante dos heroísmos, um enfraquecimento dos fervores. Predomina um relativismo generalizado, com certa dose de ceticismo, de presentismo. Falar do seguimento de Cristo, de tomar a sua cruz, soa cada vez mais distante. Um discurso voltado para o futuro também tem pouca presa. D. Pedro Casaldáliga numa entrevista televisiva chamava a atenção para o fato do enorme esforço e investimento que se fazia para salvar baleias presas nos icebergs e o descaso pelo sofrimento de milhares de nicaraguenses vítimas de um furacão.

O presente, o sensacionalismo, o exótico atraem. A rotina diária e sofrida de nosso povo não é notícia. É esse mundo que envolve o nosso jovem e o faz cético, indiferente às grandes causas e o prende a seu pequeno cotidiano. A PJ tem gigantesca tarefa para romper tal situação.

Para poder responder a tais problemas, a pastoral dos colégios necessitaria articular-se muito mais com a PJ nacional ou regional a fim de encontrar luz, metodologia, práticas adequadas. Já não se consegue encontrar soluções isoladamente. Cabe um esforço comum para poder responder a essa nova, difícil e desafiante situação do jovem, sobretudo burguês, quer dos nossos colégios, quer da pastoral da juventude em geral. Os colégios têm recursos materiais, como bibliotecas, campos de esporte, etc. que poderiam prestar um serviço maior não só à pastoral de cada colégio, mas de outros colégios e movimentos de Igreja.

A pastoral dos colégios pode ser profundamente renovada, se ela abrir-se mais a um trabalho de conjunto com outros colégios e com a PJ. Nesse trabalho comum, poderão surgir experiências renovadoras que consigam responder melhor às necessidades, aspirações e desejos dos jovens.

João Batista Libânio S. J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte - MG) e diretor da mesma Faculdade. Foi o primeiro presidente e um dos fundadores da SOTER. Entre suas obras destacam-se: *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais*, 1980; *Pastoral numa sociedade de conflitos*, 1982 (ambos pela Ed. Vozes, Petrópolis); *A volta à Grande Disciplina*, 1983; *Fé e política*, 1985 (ambos pela Ed. Loyola, São Paulo); *Escatologia cristã*, escrito em conjunto com Maria Clara L. Bingemer (Ed. Vozes, Petrópolis, 1985); *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*, 1987; *Utopia e esperança cristã*, 1989 (ambos pela Ed. Loyola, São Paulo); *Deus e o homem: seu encontro* (Ed. Vozes, Petrópolis, 1990).

Endereço: Caixa postal 5047 — 31611 Belo Horizonte-MG